

NEGATIVIDADE E TOTALIDADE COMO PONTOS DE CRÍTICA DE ADORNO A IDENTIDADE HEGELIANA

GUILHERME PEREIRA VIEIRA FERNANDES¹;
JOVINO PIZZI²

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL) – guilhermepvf@hotmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL) – jovino.piz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A problemática aqui abordada tem como fundamento a reinterpretação adorniana do conceito de “negatividade” e “totalidade” presentes na dialética hegeliana. Para Theodor Adorno, principalmente em seus escritos tardios, estas noções são problemáticas na medida em que são delimitantes para a compreensão das “coisas” e sua pretensão de identidade. A crítica do adorniano se fundamenta no caráter produtivo que esta assume, de forma que a própria “negatividade” do positivado tem função de positivação do mesmo. Neste sentido, o presente trabalho tem como objeto de pesquisa, aquilo que Adorno definiu como o objetivo de sua *Dialética Negativa* (1966), ou seja, “libertar a dialética dessa essência afirmativa” (ADORNO, 2003) mostrando a multiplicidade de possibilidades interpretativas possíveis, ao não se assumir a negatividade como algo apenas em relação ao positivo.

Para tanto, o projeto tem como norte os escritos tardios de Adorno, assim como suas conferências dos anos 60, principalmente os cursos sobre Hegel que o mesmo ministra no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt que se iniciam em 1957. Não obstante as definições de Hegel, presentes na *Fenomenologia do Espírito* (1807) são o ponto de partida das críticas adornianas, e consequentemente, também são aqui exploradas. Para o auxílio, mais que necessário na compreensão destas enormes e densas obras, utilizou-se das pesquisas de intérpretes brasileiros como Marcos Nobre e sua interpretação da dialética negativa, intitulada *Ontologia do Estado Falso* (1999), o artigo de Luiz Repa: *Totalidade e Negatividade: a crítica de Adorno à dialética hegeliana* (2011) e o artigo de Luiz Philipe de Caux intitulado *Conceito, Valor, Imanência: Sohn Rethel e a Formação da Ideia De Crítica Imanente em Adorno* (2021), onde os mesmos apresentam elementos chave para a compreensão do que aqui se almeja, a saber, a reformulação ontológica do conceito de identidade presente na teoria hegeliana.

O debate a respeito do intitulado como identidade na teoria hegeliana, passa por sua compreensão dialética a respeito da formulação do ser, ou seja, tem um caráter ontológico, não obstante, da forma como Hegel estrutura seu pensamento, não apenas o seu caráter positivo tende a se sobrepor ao negativo, como também tende a utilizar este último como existente apenas enquanto afirmação do positivado, de forma que este mesmo seja compreendido como algo produtivo ao negar algo. Como Hegel bem explicita.

O único elemento para obter progressão científica [...] é o conhecimento da proposição lógica segundo a qual o negativo é igualmente positivo, ou segundo a qual o contraditório não se dissolve no nulo, no nada abstrato, mas essencialmente apenas na negação de seu conteúdo particular, ou segundo a qual uma tal negação não é toda negação, mas a negação da coisa determinada que se dissolve, e com isso é negação determinada, portanto [a proposição] segundo a qual no resultado está contido essencialmente aquilo do qual ele resulta (Hegel, 1992).

Assim, a afirmação da identidade do objeto, se define pela forma positiva como o mesmo se apresenta a consciência a partir do movimento dialético. Neste sentido, a compreensão de que a totalidade do objeto em análise pode ser apreendida pela sua definição, a partir da compreensão deste em um conceito, delimita-o na medida em que a compreensão do mesmo fora do estipulado não comprehende seu significado. Ou seja, a compreensão do mesmo, se não a partir da forma estipulada pela sua “identidade”, não confere conhecimento a respeito do mesmo em si, podendo ser conhecimento apenas a partir de sua negação.

Neste sentido, a interpretação dos comentadores brasileiros, tendem a um mesmo rumo, pois como bem explicita Repa “toda limitação é, desde o início, uma negação, a negação de algo posto como externo e que, no entanto, é essencial para identidade do que é afirmado.” (REPA, 2011). Assim a delimitação dita ontológica do ser compreendida por esta noção de que o todo é delimitado pelo conceito, ou seja, pela identidade atribuída a este é apenas uma ilusão. Como afirma Caux “Enquanto ‘unidade do ser’ é uma categoria ontológica, ‘identidade’ é uma categoria lógico-epistêmica ($A=A$).” (CAUX, 2021), por conseguinte, afirma Adorno, a “totalidade se constrói de acordo com a lógica, cujo núcleo é formado pelo princípio do terceiro excluído, tudo o que não se encaixa nesse princípio, tudo o que é qualitativamente diverso, recebe a marca da contradição. A contradição é o não-idêntico sob o aspecto da identidade.” (ADORNO 2009).

Desta maneira, assumir que a negatividade tem também a pretensão de afirmar algo sobre “A” é uma falácia, posto que mesmo em termos lógicos a negação seria definida como “ $\sim A$ ”. Logo, o que Adorno tenta nos mostrar, é que assumir A e $\sim A$, não constituem uma contradição, pois estas só o seriam caso estivessem a falar sobre a mesma coisa, enquanto não o fazem. Assim para Adorno, a formação do conhecimento onde a negatividade é compreendida como complementar, e não como afirmativa a respeito do objeto seria uma forma mais completa de conhecimento, pois como afirma Nobre, a pretensão de formação de conhecimento, a partir da definição dos conceitos se mostra insuficiente, pois o “conhecimento” é o termo médio entre o absoluto (em-si) e o imanente, aquele que se apresenta (real) (NOBRE, 1998) não sendo este a delimitação do absoluto em si.

Por conseguinte, a adoção da negatividade como carregada de substancialidade, e não apenas existente enquanto afirmação do positivado, apresenta uma compreensão mais ampla do universo que constitui a caracterização do objeto. Enquanto a adoção apenas positivista do objeto o limita, a compreensão a partir da negatividade o complementa, fazendo com que este possa ser compreendido a partir da constelação de objetos que o circundam e não apenas de sua objetificação em si. Formando um conhecimento a respeito deste, que se configura enquanto imanente e não enquanto *apriori*. De modo que a lógica é invertida, enquanto antes o conceito delimitava a compreensão do objeto e sua imanência, agora o objeto se apresenta e dele é retirada a conceituação, deixando que a realidade se apresente, e não a adequando a realidade ao conceito de

maneira prévia, “pois a identidade já é, em si mesma, a forma primeira da negação.” (CAUX, 2021).

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho, fundamentou-se em pesquisas bibliográficas não apenas dos autores principais, sendo estes Adorno e Hegel, mas também de comentadores e intérpretes dos mesmos, dando preferência principalmente para autores brasileiros, a exemplo de Nobre, Caux e Repa. O trabalho em questão buscou, além de conceituar as ideias de “Totalidade” e “Negatividade” em Hegel, demonstrar a diferença destes na interpretação de Adorno, diferenciando, principalmente a partir de seus escritos tardios, mais especificamente a partir da *Dialética Negativa* (1966) a inversão realizada pelo frankfurtiano na interpretação destes conceitos.

Para tanto, o método de análise textual baseou-se no mesmo adotado por Adorno, ou seja, na dialética. Tendo a crítica imanente como contraponto ao idealismo, buscou-se analisar as categorias postuladas por Hegel sem perder de vista suas imbricações materiais, e consequentemente, seus desdobramentos lógicos-epistemológicos na formação dos saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão tendo estas problemáticas como ponto de partida se mostra muito fértil, pois apresenta repercuções práticas em áreas como: ética, política e cultura. Pondo apenas sob estes três pontos de debate (o que já constitui uma gama gigantesca de debates), e assumindo que toda a constituição ocidental do que algo “é”, ou seja, da identidade, tem fundamento – em alguma medida – no debate hegeliano, a perspectiva adorniana da negatividade enquanto critica a esta noção de totalidade, pode abrir um leque, se não disruptivo, ao menos interessante de debate a respeito da identidade.

Por conseguinte, temas atuais como teorizações acerca do sul global e das teorias feministas podem se utilizar destas formulações de Adorno para fundamentarem as suas ontologias que não hegemônicas. Enquanto excluídos do que constitui “ser” estas podem apresentar outras formas de ser que não as apresentadas pelo padrão positivista, porém também “o sendo”. Neste sentido, a possibilidade interpretativa aberta por Adorno pode ser um caminho para a resolução de problemas sociais abrangentes e cada vez mais comuns, como debates a respeito do reconhecimento.

4. CONCLUSÕES

Os debates acerca do “não-idêntico” fundamentados na discordância de Theodor Adorno a teoria de Hegel, além de abrir um leque de possibilidades interpretativas a respeito da fundamentação da identidade, também abre ao não-idêntico a oportunidade de fundamentação ontológica-epistêmica do que antes, segundo a teoria hegeliana, tinha apenas a função de positivação do positivado, através de sua negação.

Neste sentido, a teorização de Adorno a respeito do “não-idêntico” expande o horizonte de compreensão e teorização dos objetos, assumindo que estes são constituídos, não apenas por sua parte positivada, mas também sobre sua formulação a partir do “negativo”, o qual apresenta uma visão diferente sob o objeto em análise. Deste modo, tal pesquisa pode apresentar possibilidades ontológicas-epistêmicas que extrapolam o *status quo* em áreas distintas, como a política a ética e a cultura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Três estudos sobre Hegel**. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. 2013.

_____, Theodor. **Dialética negativa** (M. A. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.

CAUX, Luiz Philipe de. Conceito, valor, imanência: Sohn-Rethel e a formação da ideia de crítica imanente em Adorno. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 62, p. 681-703, 2021.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; MENESES, Paulo; DE LIMA VAZ, Henrique C. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

NOBRE, Marcos. **A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno: a ontologia do estado falso**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

REPA, Luiz. Totalidade e negatividade: a crítica de Adorno à dialética hegeliana. **Caderno crh**, v. 24, p. 273-284, 2011.